

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: CONCEPÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES NO CONTEXTO DA PRÁTICA

JEAN MAC COLE TAVARES SANTOS

Doutor em Educação. Professor do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Orientando de Pós-Doutorado da Profa. Dra. Alice Casimiro Lopes (UERJ). E-mail: maccolle@hotmail.com

MARIA KÉLIA DA SILVA

Graduanda da Universidade do Estado Rio Grande do Norte-UERN. Bolsista PET Pedagogia. E-mail: marykellya@hotmail.com

Introdução

Entendida como um fenômeno de múltiplas faces, com várias possibilidades de olhares, a violência na escola tem sido fonte de inúmeras pesquisas que buscam entender sua origem e impacto social. Autores como Abramovay e Rua (2002), Debarbieux (2002) e Charlot (2002) nos influenciam a refletir sobre a suas definições, seus impactos e consequências, demonstrando sua complexidade e a importância de levarmos em consideração diferentes aspectos, tanto internos, quanto externos a escola.

Considerando a escola como principal palco de manifestações da violência, este artigo busca entender como os docentes compreendem, ressignificam e lidam com os sentidos de violência no ambiente escolar. Assim, intencionamos contribuir para as discussões em torno desta temática, compreendendo como os sentidos sobre violência se configuram, discutindo as diversas percepções de violências, muitas vezes compreendidas de formas antagônicas, fruto das negociações na escola. Partimos assim, da impossibilidade de uma definição a priori de violência, admitindo os sentidos negociados com a comunidade escolar do que seria violência.

Para entender violência, vamos discuti-la, a partir de Bauman (2008) que discute o fenômeno da violência no que chamamos de pós modernidade buscando perceber o estado de violência, o

medo da violência que vem fragilizando a sociedade contemporânea. Bauman (2008, p. 31), destaca que conviver com o medo se tornou algo inerente ao convívio das relações modernas em uma sociedade marcada pela fragilidade dos laços sociais e o sentimento de insegurança. “Os medos são muitos e variados. Pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero são atormentadas por seus próprios medos; [...] seja qual for a parte do planeta em que possamos ter nascido ou que tenhamos escolhido (ou sido forçados a escolher) para viver”. Abramovay e Rua (2002), Debarbieux (2002), Charlot (2002), apresentando estudos e concepções sobre violência. E trazemos ainda, para o debate as perspectivas teóricas pós-estruturalistas, Hall, Laclau, e Lopes que defendem o descentramento e a imprecisão conceitual.

A violência na contemporaneidade

A temática violência está cada vez mais presente em debates nas instituições de ensino e na sociedade. Vista como fenômeno social, a violência passou a fazer parte do cotidiano das pessoas nos últimos tempos, tornando-se naturalizado, com seu aumento desmesurado trouxe como consequência o medo que tomou conta da sociedade:

Tal sentimento é capaz de orientar comportamentos e percepções sobre o mundo diante de ameaças concretas ou não. Por conta desse medo, as pessoas vivem na era da segurança, aprisionadas em seus apartamentos, vigiados por câmeras ou isolados nas suas casas por muros altos. Dessa forma, cada vez mais os seres humanos se furtam do convívio social e, por isso, temos o grande aumento dos relacionamentos virtuais, fragilizando crescentemente os laços interpessoais. Porém, quanto mais nos protegemos, mais propulsionamos o medo, sentimos mais medo, como num ciclo vicioso (RODRIGUES, 2013, p. 36).

A busca pela segurança social vem gerando a (in)segurança pessoal. Sem o devido cumprimento das obrigações do Estado, segundo Bauman, isso acontece em virtude da célere globalização e dos crescentes extraterritoriais negócios e o Estado se vê “obrigado a mudar a ênfase da ‘proteção contra o medo’ dos perigos à segurança social para os perigos à segurança pessoal”. Agora o estado já não usa mais promessas de proteção, mas ‘rebaixa’ a luta contra os medos para o domínio da ‘política de vida’, dirigida e administrada, individualmente, ao mesmo tempo em que adquire o suprimento de armas de combate no mercado de consumo (BAUMAN, 2008, p. 10).

Sem o mínimo de garantia de segurança, a sociedade busca formas de se resguardar dos perigos e ameaças, mesmo acometidos pelo sentimento de impotência “a vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos” (BAUMAN, 2008, p. 15). Furtar-se do convívio social não resolve o problema da sociedade moderna, uma vez que, a violência segue de forma incontestável as transformações e avanços da globalização e o avanço tecnológico acarretou novos comportamentos violentos, por meio da internet, como os chamados crimes virtuais que podem atingir milhares de pessoas sem que seja necessário sair de casa.

O fato é que os Jornais e noticiários contribuem com o aumento desse efeito de medo nas sociedades da era moderna. As ondas de assassinatos, agressões físicas, psicológicas, acidentes, guerras de gangues, violência sexual, ganham sempre as primeiras páginas ou são chamadas de aberturas nos telejornais sem restrições nenhuma em horário nobre. Assim, a violência ocupa o dia a dia da sociedade contemporânea tornando-se naturalizada:

A sentença segundo a qual “já não há objetos horrendos para quem os vê todos os dias”, é tão medonha quanto o seu

contrário, pois o convívio orgânico e cotidiano com o medo e violência acaba se tornando normal quando não natural. No extremo, essa situação concorre para a banalização do mal e, conseqüentemente, a sua normatização no mundo da vida da vida cotidiana (ROCHA, 2008, p. 192).

Ainda que naturalizado, o medo, continua a existir e provem do convívio dessa incapacidade de controlar a situação e dominar a natureza “não havendo mais a possibilidade do sono tranquilo sem a companhia do medo como anjo da guarda” (ROCHA, 2008, p. 212). O fato é que um cenário violento passou a fazer parte do nosso convívio diário, não só nas ruas ou em nossos lares, por meio da mídia, mas sua expansão chegou até a escola, que antes vista como ambiente sagrado, agora tem despertado o medo na sociedade.

Violência na perspectiva dos autores

A violência é apresentada por Abramovay e Rua (2002, p. 90) como um fenômeno de difícil definição, por ter um caráter heterogêneo, deve-se considerar o sexo, a idade, o local e o status de quem fala. Neste estudo, a violência foi apresentada como:

A intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outros(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo- abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de agressão sexual. Compreende-se igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional.

Em pesquisa de enfoque transdisciplinar, Abramovay et al (2002), observaram aspectos sociais, externos e internos, dificuldades na estrutura das escolas e também as afinidades interpessoais do contexto escolar de diversas instituições do país. Segundo a pesquisa, as vítimas mais frequentes são os alunos, em seguida,

os professores e funcionários, tendo comumente a violência física, seguida da violência contra a propriedade e, por fim, a violência verbal, chegando a ser despercebida em alguns momentos.

Debarbieux (2002, p. 62), em vários dos seus estudos faz menção a uma ampla definição de violência, levando em consideração a voz das vítimas, podendo elas expor “incidentes múltiplos e causadores de estresse que escapam a punição quanto a agressão brutal e caótica”. Dessa forma, o autor, chama a nossa atenção advertindo que:

É um erro fundamental, idealista e histórico crer que definir a violência, ou qualquer outro termo, por sinal, seja uma questão de se aproximar o máximo possível de um conceito absoluto de violência, de uma “ideia” de violência que faz com que a palavra e a coisa estejam para sempre adequadas. Não se trata sequer de dizer que as palavras evoluem juntamente com um “contexto” externo, que faria com que uma definição original evoluísse – que apenas a ilusão de uma permanência etimológica pode ser encontrada. O “contexto” não é exterior ao texto, [...] o contexto é “homólogo ao próprio texto a que ele se refere”, é um universo mental no qual as palavras são uma ferramenta verbal, uma categoria de pensamento, um sistema de representação, uma forma de sensibilidade: as palavras criam o contexto tanto quanto são criadas por ele (DEBARBIEUX, 2002, p. 64).

O autor deixa perceptível na citação que não existe um conceito absoluto de violência, devemos levar em consideração o contexto analisado, o qual expressa os diversos interesses reconstruídos em cada ambiente. Além disso, para o autor é possível avaliar a violência numa perspectiva repressiva e preventiva, pois se a violência é construída socialmente também pode ser desconstruída, e por isso estudos que busquem estratégias preventivas devem ter atenção privilegiada.

Para entender melhor a caracterização da violência escolar, Charlot (2002, p. 28), classifica-a em três diferentes níveis:

1. Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; 2. Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; 3. Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga os jovens a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absentéismo e a indiferença dos alunos.

Sustenta o autor que a violência se concretiza através do uso da força, do poder e da dominação. Para autores como Debarbieux, 2002 e Abramovay e rua (2002) o que Charlot (2002) considera apenas como incivildades é uma violência verbal que pode afetar os protagonistas tanto quanto a violência em si, ou desencadear algo para além de uma discussão. Perante o exposto, ousamos em dizer que a violência é uma causa global, não existindo indivíduos que ainda não praticaram ou foram vítimas dela. Comprovamos isso se fizermos uma pesquisa rápida em conversas informais, em família, no meio profissional ou com amigos. Assim, acreditamos que jamais haverá consenso na definição de violência.

Identidade, sujeito e essência

Hall (2006) afirma de maneira agradável que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Essas transformações tem abalado nossa identidade pessoal e colocado em questão a imagem que fazemos de nós mesmos enquanto sujeito integrado. Essa perda de um “sentido de si” constante, chamamos de descentração do sujeito. O indivíduo descentrado de seu lugar no mundo cultural, social e de si mesmo é acometido por uma “crise de identidade”. Como adverte o crítico

cultural Kobena Mercer; (1990, Hall, 2006) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, apud HALL, 2006, p. 1).

Para desenvolver a argumentação Hall (2006), destaca três concepções diferentes de identidade em simplificadas percepções dos sujeitos a saber.¹

O sujeito do iluminismo, baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. O Sujeito sociológico, que antes tinha uma identidade unificada, estável e agora tornou-se um sujeito formado por fragmentos, que se compõe não de uma única, mas de múltiplas identidades, algumas vezes colidentes ou mal resolvidas.

No desenvolver desse processo, surge o sujeito pós-moderno, conceituado por não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade do sujeito pós-moderno se modifica diferentes vezes em diferentes momentos, Somos possuidores de identidades colidentes, que nos atraem para diferentes direções, portanto nossas identificações estão sendo consecutivamente deslocadas.

Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder”. As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única “causa” ou “lei”. (LA-CLAU 1990, apud HALL 2006, p. 4).

Para o autor, o que caracteriza as sociedades da modernidade tardia é a “diferença”, na medida que são perpassadas por distintas separações e incompatibilidades ou antagonismos sociais, que causam uma multiplicidade de diferentes estilos de sujeito, ou seja,

¹ Cf.: A identidade cultural na pós-modernidade, Hall (2006).

diversas identidades são expressadas pelos indivíduos. Com isso, o sujeito humano, que outrora possuía uma “identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (Hall, 2006, p.12).

Destarte, com Hall (2006), identificamos o sujeito como uma figura discursiva, com concepções mutantes. A respeito disso, Oliveira e Lopes (2011) menciona que “para Laclau, o discurso é uma estrutura descentrada, cujo fechamento, contingente e provisório, se dá ao sabor de práticas articulatórias onde os significados são negociados em um terreno de indecidibilidade” (OLIVEIRA; LOPES, 2011, p. 20). Hall corroborando com Laclau, acrescenta que nesse caso, “os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua” (HALL, 2006, p. 10).

Considerando que não há uma essência do sujeito, notando o mesmo como uma construção discursiva potente e sentida na pele, buscamos entender o discurso da violência no contexto da prática.

Ressignificação, sentidos e situações de conflitos, na voz dos docentes

Para efetivação dessa etapa, utilizamos pranchas indutoras², nas quais, retratamos possíveis atos e atitudes de violência em espaços escolares. Solicitamos aos docentes que relatassem sobre as ilustrações, visando identificar vivências, sentidos, e resignificação docente frente à violência no âmbito escolar. Optamos por pranchas indutoras por ser um método que visa suavizar a pressão inicial de uma pergunta direta, deixando o entrevistado falar serenamente acerca de suas representações, percepções, perspectivas, elucidações e ponderações constituídos sobre a violência na escola (SOARES e MACHADO 2013).

² As imagens contidas nas pranchas foram obtidas em sítios localizados na *internet*.

A prancha “1”³ simula uma possível discriminação na escola. Na ilustração, um aluno encostado no canto do muro, abatido, cabisbaixo e humilhado é motivo de escárnio para três colegas que apontam e riem dele.



Apresentada a cena, os professores relataram ver com frequência esse tipo de situação no cotidiano escolar. O professor “3” da escola “B” disse se tratar do diferente em uma sociedade que tem o comum como regra e o diferente como exceção, mas que chacota, apelidos e brincadeiras sempre existiu é uma questão natural da sala de aula, no entanto sempre convivemos bem com isso.

eu acho que a proporção é o que faz com que isso se torne um grande problema por que a gente não é igual, nunca foi. Na escola sempre houve a questão da chacota do apelido da brincadeira dentro da sala de aula e a gente sempre conviveu bem com isso, é uma questão natural de uma sala de aula e de adolescente, mas hoje com toda propaganda do bullying e as liberdades, a falta de padrões dentro da casa da pessoa, faz com que isso se torne ato de violência (Professor 3 da escola “B”).

O professor “2” da escola “A” posicionou-se mostrando como procura agir diante da situação “quando a gente faz trabalho em

³ Acesso em: http://magiadoestudo.blogspot.com.br/2013/07/ferias-de-verao-2013-violencia-verbal_29.html

grupo percebe que as vezes tem alunos que não gostam de fazer com outros, a gente vai tentando orientar, as vezes faz sorteio para que não aconteça que o aluno possa se sentir rejeitado, excluído pelo próprio amigo”.

Nesse caso, percebemos por meio da colocação do professor “2” a tentativa de possíveis estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula pelo docente, no intuito de minimizar o afloramento da violência por meio de situações de rejeição e de desprezo entre os alunos. Entendemos o posicionamento do docente como glorioso, uma vez que possui o conhecimento das advertências entre os adolescentes em sala de aula e procura buscar em sua prática educativa soluções plausíveis para amenizar possíveis desavenças entre os discentes e conseqüentemente amenizar desequilíbrio em seus processos de aprendizagens.

A prancha “2”⁴, apresenta uma conversa entre dois alunos abordando a ausência de professores na escola. Na oportunidade, um aluno fala: “é chato estudar, estudar e ser reprovado por falta”! O outro aluno questiona: “nossa você faltou tanto assim”? E ele responde: “eu não, mas meus professores”.



⁴ Acesso em: <http://www.marciacordeiro.com/2012/02/lei-que-pune-violencia-contra-os.html>

Analisando a conversação da ilustração, o professor “3” discorre:

Eu discordo disso aqui. Isso é uma charge de alguém que quis colocar o problema da falta de motivação do aluno, na greve ou na reivindicação do professor porque o que ele está dizendo aqui é o seguinte: ele parou de estudar, ele deixou de estudar ou algo desse tipo porque os professores faltaram, é isso que a charge que dizer. [...] Eu não acredito nisso aí não, então é uma questão social que tenta se colocar na escola (professor 3, escola B).

Percebemos na fala do professor certa indignação ao analisar a prancha indutora, pois acredita que a idealização dessa imagem se deu por meio de algum crítico sobre as reivindicações na greve dos professores. A notamos a princípio, ele já descarta a visão de alguma violência contra o discente na imagem e nos faz ter o pressuposto, devido a sua reação por meio das palavras, que a violência nesse caso é contra o professor.

O professor “2” da mesma escola destoando da opinião do colega profere:

Essa falta de professor é considerado de certa forma para o aluno como violência, em termos de aprendizado do aluno, em termos de rendimento de aprendizado que isso vai comprometendo o rendimento dele e a longo prazo vai ser um diferencial muito grande, mas para o lado negativo do aluno. Futuramente ele vai ter uma deficiência muito grande (Professor 2, escola “A”).

O professor “2” provoca a reflexão sobre outro tipo de violência passada na maioria das vezes despercebida aos olhos de muitos docentes e até mesmo de muitos alunos. A violência aqui destacada pelo professor remete ao prejuízo do aluno referente às ausências de conteúdos devido à escassez de aula, por motivos diversos, pelos docentes. O professor demonstra ser conhecedor do compromisso árduo do ato de ensinar e transparece mais ainda em

sua fala o desafio que o discente possui na aquisição do conhecimento, assim, defende nessa situação, o ponto de vista do aluno em reclamar das ausências dos professores em sala de aula. Por outro lado, percebemos no discurso, a não fixidez do seu pensar a respeito da prancha, ele coloca que de certa forma, o ato é sim considerado para o aluno, vale frisar, como uma violência, ou seja, considera que outros podem não pensar como ele, mais que isso, é perceptível que ele mesmo sabe que poderá mudar esse conceito dependendo do contexto. Hall a esse respeito diz: “os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua” (HALL, 2006, p. 10).

Na sequência, a prancha⁵ “3” causou maior diversidade de opiniões. Trata-se de um professor em sala de aula que exclama furioso a um aluno: “Dê o fora da minha aula, depois que pedir desculpas a todos pela sua grosseria e ignorância, **TALVEZ** deixemos você voltar!”



Aí sim! A forma como as vezes nós professores se dirige ao aluno, colocando pra fora da aula, utilizando palavras grosseiras, ai sim é uma forma de violência. Porque muitas vezes a gente não sabe porque o aluno está agindo daquela forma, nós desconhecemos o histórico dele e como nosso objetivo

⁵ Acesso em: <http://www.marciaacordeiro.com/2012/02/lei-que-pune-violencia-contra-os.html>

muitas vezes é priorizar a aula, o conteúdo, a circunstância dentro da sala de aula, então você marginaliza e marginalizar é uma forma de violência (professor 1, escola “B”).

Ao analisarmos o posicionamento do professor, notamos o seu reconhecimento enquanto um ato de violência contra o aluno exposto na prancha. É natural nos depararmos com informações de situações no qual o aluno é denominado como indisciplinado, como inquieto e ou como agressivo. É mais natural ainda, nos depararmos com professores que tem como prioridade o aplicar do conteúdo, esquecendo que o fator principal que rege a escola, o aluno, precisa de atenção e reconhecimento. Cabe então o professor buscar compreender essa situação antes de tomar medidas precipitadas.

Na escola “A” obtivemos um posicionamento franco e realista:

Bom isso aí acontece muito, inclusive eu me encaixo nessa prancha por eu ser um pouco ignorante algumas vezes, isso provavelmente é um ato de violência. O que pode provocar esse ato de violência, são vários fatores pode ser o trabalho em excesso, o descompromisso dos alunos em não mais quererem estudar. (Professor “1” da escola “A”).

Ao analisar a fala do professor “1”, percebemos os meios midiáticos como culpados ou como provocadores de alguns atos de violência na escola contra o aluno. Nesse contexto, vemos duas situações, primeira, um docente que se reconhece como causador de violência verbal contra os seus alunos em alguns momentos de sua atuação em sala de aula, mas que não se arrepende por agir assim, recusando-se auto avaliar sobre essa prática. Segundo, alunos que passam boa parte do seu tempo em redes sócias que chegam até a prejudicar a aula e conseqüentemente o seu aprendizado. Esse posicionamento do professor está ligado a sociedades tradicionais.

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e

as “modernas. [...] o deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos (LACLAU, 1990, apud HALL p. 3, 4).

O professor como agente socializador do conhecimento, deve acompanhar os novos modelos da sociedade moderna, como afirma Laclau, a formação de novos olhares, a construção de outras identidades é um processo, que se faz necessário na modernidade tardia.

O professor “3” ao fazer a leitura da imagem prontamente considera, “é uma violência e grande, é uma violência social e intelectual, o aluno está tendo seu direito de aprender violado”.

No entanto nenhuma das afirmações deve ser considerada como a absoluta. Vejamos o que pensa Hall (2006) influenciado por Jacques Derrida e Saussure a respeito: “o sujeito não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento” (HALL, 2006, p. 10). Dessa forma nunca haverá um conceito absoluto, fixo e imutável de violência.

Na prancha⁶ “4” exibida, uma garota pinta a mensagem “todos somos humanos, amor deveria bastar”, em um muro, ao que parece ser de um ambiente público, provavelmente uma escola.



⁶ Acesso em: <http://www.blogdaresenhageral.com.br/pichacao-consciente/>

O professor “3” da escola “B” é firme em sua colocação, conceitua a imagem como pichação e acrescenta que é um crime uma vez que destrói o ambiente, quer seja privado ou público. Entende o fato como uma reivindicação, remetendo a falta de limites. E recorda da sua vida escolar mostrando-se insatisfeito com a realidade da modernidade tardia.

Pichação é crime, não concordo com a pichação. Pichação tá destruindo o patrimônio de alguém seja ele público ou privado (Professor “3” da escola “B”).

A flexibilidade conceitual dos professores está associada ao que Laclau aprecia como “uma pluralidade do agente social, dependente das várias posições de sujeito, através das quais o indivíduo é constituído, no âmbito de várias formações discursivas” (LACLAU, 2008, p 3).

A ótica de alguns professores, esteve voltada, tão somente, para a mensagem que está sendo transmitida, relataram como pichação saudável e que somos todos iguais independentemente de cor, de raça, de credo, de opção sexual, e ao levarmos para o ambiente escolar evitamos o preconceito.

Ai já é um pedido de socorro em relação a questão de tanta violência que existe. Que a gente deve buscar mais o amor ao próximo, já é uma atitude de coibir a questão da violência. Tratar o ser humano como igual, respeitar o ser humano (Professor “1” da escola “A”).

Destarte, acreditamos ser possível nos apropriarmos de discursos com o poder de sensibilizar os sujeitos desde já, para que ao longo dos tempos sua identidade possa ser construída e transformada significativamente a maneira que a que fundamenta Hall (2006).

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada. (HALL, 2006, p. 10).

Desse modo, acreditamos que a violência é um fenômeno de construção discursiva que não apresenta uma essência em si. Se apresenta como discurso, discurso esse, que não é letra morta ou simplesmente a fala de um sujeito, mas como um tipo de discurso que sentimos na pele, tem consequência, que pode ser fortíssima (mata, aniquila). E por ser um fenômeno discursivo não se torna mais infantilizado, menos perigoso, pelo contrário se torna cruel, quanto mais discursivo mais difícil de ser detido. A violência é uma causa discursiva por não termos outra maneira de nos apropriarmos dela a não ser por meio do discurso.

Considerações finais

Esse trabalho buscou entender a concepção dos docentes acerca dos sentidos da violência na escola. Nosso interesse pautou no que o professor considera violência e o que ele, visto como agente socializador do conhecimento e formador em geral, tem feito para minimizar esse fenômeno que tanto se manifesta no contexto da prática. Em meio ao percurso, apresentamos perspectivas de alguns autores pós estruturalista, defendendo o descentramento e instabilidade conceitual.

Por meio do discurso dos professores, elencamos alguns achados resultantes dessa pesquisa. Os professores acreditam que a violência é contextual/histórica na medida em que o tempo passa, acarreta com ele modificações muitas vezes indesejáveis; consideram a mídia como um grande influente e motivador na ampliação de atos violentos, não só no ambiente escolar, mas na sociedade em geral; O bullying é uma prática comum nas escolas, e cabe ao professor ressignificar, recontextualizar, recriar e reinventar, estratégias pedagógicas com intuito de minimizar casos de rejeição e desprezo dentro da sala de aula. Alguns tipos de violência passam despercebidos aos olhos dos docentes e até mesmo de muitos alunos.

Comprovamos por meio das entrevistas que não há como fechar um conceito absoluto, fixo e imutável de violência, pois mesmo que professores atuem na mesma escola, presencie todos os dias os mesmos atos de violência, haverá sempre a pluralidade de identidades, a qual, está sempre em processo de construção e desloca sentidos e concepções de acordo com cada contexto apresentado. Desse modo, compreendemos em Hall e Laclau a violência como um fenômeno de construção discursiva.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p.432-443.

DEBARBIEUX, Eric. Violências nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: **Violência nas escolas e políticas públicas** / organizado por Eric Debarbieux e Catherine Blaya. Brasília :UNESCO, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ROCHA, Gilmar. “Complexo de Emílio”. Da violência na escola à síndrome do medo contemporâneo. In: **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola**. Org. Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Sandra Pereira Tosta. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.